Dia 26 — Santa Ana, Mãe da Santíssima Virgem

Não se pode formar conceito mais nobre, mais elevado nem mais cabal do extraordinário mérito, das heroicas virtudes e da sublime santidade de Santa Ana do que dizendo que foi mãe da Mãe de Deus. Esta augusta qualidade compreende todas as honras, excede todos os elogios; e assim como o mesmo Espírito Santo não pôde dizer coisa maior de Maria do que dizer que dela nasceu Jesus, *de qua natus est Jesus*, assim tampouco é possível elogio mais glorioso de Santa Ana do que afirmar que dela nasceu Maria.

Santa Ana, pois, a quem os santos padres apelidam o consolo dos filhos de Deus que suspiravam pela vinda do Messias, nasceu em Belém, da tribo de Judá, a duas léguas de Jerusalém, chamada comumente no Evangelho Cidade de Davi, por ter nascido nela este monarca. Teve por pai a Matã, sacerdote de Belém, da tribo de Levi e da família de Arão, que entre os judeus era a família sacerdotal. Sua mãe se chamou Maria, da tribo de Judá, ambos muito recomendáveis por seu nascimento, por sua notória bondade e por sua exemplar virtude. Tiveram três filhas. A primeira, que se chamou Maria como sua mãe, casou com Cleofas e foi mãe de Tiago, o Menor, de São Judas, de São Simeão, sucessor de Tiago, bispo de Jerusalém, e de São José, por sobrenome Barsabás ou o Justo. Estes são aqueles discípulos do Salvador a quem o Evangelho chama irmãos seus, segundo o estilo comum dos judeus; mas não eram mais que primos, como filhos de uma tia da Santíssima Virgem. A segunda irmã de Santa Ana foi Sobé, mãe de Santa Isabel, a qual por conseguinte era prima-irmã da mesma Virgem. Enfim, a terceira filha de Maria e de Matã foi Santa Ana, destinada pelo Senhor para dar ao mundo aquela de quem havia de nascer o Salvador.

Logo que Ana nasceu, reconheceram-se nela aquelas especiais e distintas graças que anunciam e formam os grandes santos, tendo sido todas as delícias de seus pais, cujo especial amor a esta filha sobre todas as demais pareceu tão justo que nunca causou zelos nem emulação nas outras duas irmãs. Descobriu-se nela um fundo de juízo, de prudência, de modéstia e de virtude, com certo caráter de capacidade e de madureza que igualmente a fez amável e admirável. Enfeitiçado o mundo por suas prendas, deu-se pressa em ganhá-la para si; mas ela olhou sempre com desvio todas as coisas do mundo. Seu maior gosto era o retiro, e nunca o achou nem ainda naquelas inocentes diversões que são mais naturais e mais comuns nas meninas de sua idade e de sua condição. Entregue à oração, começou a gostar de Deus desde seus primeiros anos, não pensando em outra coisa que em servi-lo e em agradar-lhe. Pelo grande amor que professava à virgindade, virtude tão pouco conhecida no mundo antes do nascimento do Redentor, teria passado sua vida no celibato, se a divina Providência não a houvesse escolhido para ser a mais ditosa de todas as mães. Pretenderam-na por mulher os mais nobres de toda a nação, e seus pais escolheram entre todos a Joaquim, que vivia na cidade de Nazaré e era da real casa de Davi, com cujo enlace se uniu a família sacerdotal com a real, circunstância indispensável para que a Mãe do Messias pudesse

nascer deste matrimônio.

Aquelas mesmas virtudes que tanto haviam resplandecido em Santa Ana sendo solteira brilharam com novo resplendor nela quando se viu esposa do homem mais santo que se conhecia no mundo então. Não houve matrimônio mais feliz: em ambos os esposos reinavam as mesmas inclinações, o mesmo amor à virtude, a mesma inocência e a mesma pureza de costumes; porque a mesma mão que havia formado aqueles dois corações os uniu com o doce vínculo do mais casto e do mais perfeito amor; e aquele mesmo espírito (diz São João Damasceno) que com o tempo devia animar os cristãos antecipava na pessoa dos dois santos esposos o mais ajustado modelo da vida perfeita e interior. Joaquim no monte (diz Santo Epifânio) oferecia incessantes orações e sacrifícios ao céu para acelerar a redenção de Israel; e Ana, no retiro de sua casa, sacrificava-se continuamente ao Senhor no fervor de sua oração. Quando se deixava ver em público, edificava a todos; sua compostura, sua modéstia, suas palavras inspiravam admiração de sua virtude e respeito a sua pessoa. Por sua grande caridade considerava os pobres como filhos seus; e, quando se lembrava de que era estéril, consolava-se com ter tantos filhos como pobres. Não correspondiam os bens temporais à nobreza de sua qualidade nem de seu sangue, mas suplia a caridade à mediania de sua fortuna. Bastava a qualquer ser pobre ou estar aflito para que, acudindo a ela como a mãe, fosse considerado com direito ao que ela tinha.

Parece que o Espírito Santo fez o retrato de Santa Ana naquele que formou da mulher forte e perfeita que não tem preço. O que não admite dúvida é que esta grande santa nos deixou o modelo mais perfeito que temos da vida interior e escondida, com um compêndio das mais raras virtudes.

Havia mais de quarenta anos que estava casada Santa Ana sem ter tido sucessão, esterilidade que entre os judeus se reputava por certa espécie de opróbrio, com alguma nota de infâmia; porque, assegurados de que o Messias havia de nascer de uma mulher da nação, consideravam nas infecundas como uma espécie de reprovação ou de maldição da família. Vivia Santa Ana nesta triste humilhação, sem esperança de sair dela por causa de sua avançada idade. Levava, na verdade, com paciência as amarguras de seu estado por sua submissão à vontade de Deus; mas nem por isso deixava de olhar com uma santa inveja aquelas ditosas mulheres que algum dia haviam de ter afinidade com o desejado Messias.

Estando nesta disposição e fazendo um dia oração no templo com extraordinário fervor, ofereceu-se-lhe com tanta viveza a ideia de sua ignomínia que não pôde conter as lágrimas; e, lembrando-se de que Ana, mulher de Elcana e mãe de Samuel, achando-se nas mesmas circunstâncias, havia clamado ao Senhor com tanta confiança que ao fim foi bem despachada sua petição, animada Ana com o mesmo espírito, pediu fervorosamente a Deus que se dignasse olhar com olhos favoráveis a sua humilde serva e se compadecesse de sua extrema aflição; oferecendo-lhe que, se lhe fazia a mercê de conceder-lhe algum fruto, lho consagraria imediatamente, destinando-o ao templo para seu santo serviço.

Ouviu benignamente o Senhor uma petição que ele mesmo havia inspirado. Assegura-se que no mesmo ponto teve Ana revelação do feliz despacho e que também foi revelado a Joaquim por ministério de um anjo. O certo é que poucos dias depois se viu livre da ignomínia de sua

esterilidade, sentindo-se grávida da Santíssima Virgem. Encheu-se o céu de admiração e de alegria vendo na terra aquela ditosíssima criatura concebida sem pecado, e mais agradável aos olhos de Deus no primeiro instante de sua conceição que todos os santos juntos no último momento de sua vida. E, se no mesmo ponto em que São João foi santificado no ventre de sua mãe resplandeceu tanto em Santa Isabel a santidade do filho, facilmente se deixam discorrer os tesouros de bênçãos e a abundância de graças que a Santíssima Virgem mereceu para sua santa mãe no instante de sua conceição. Sendo depositária deste precioso tesouro por espaço de nove meses, de quantos favores celestiais seria enriquecida Santa Ana! Que luzes sobrenaturais não a iluminariam! Que fervorosos afetos não inflamariam seu coração enquanto levava em seu ventre a que havia de levar no seu o Salvador do mundo! Desde então foi a vida de Santa Ana uma contemplação contínua, e sua conversação unicamente no céu; desde então inundaram sua alma aquelas torrentes de consolos espirituais, que são como a prova dos gozos da glória.

Foi o cúmulo deste gozo o nascimento da bem-aventurada Filha; comunicou-se à família a alegria do céu e foi como presságio do que aquela Menina havia de ser. «Se a árvore se conhece por seus frutos — exclama São João Damasceno —, que conceito não devemos formar de vossa inocência e de vossa sublime virtude, ó gloriosos esposos Joaquim e Ana[^n261]! *O beatum par Joachim et Anna! ex vestri ventris fructu immaculati agnoscimini.* Era preciso que a santidade de vossa vida correspondesse à santidade da filha que destes à luz e que havia de ser mãe do santo dos santos. *Ut Deo gratum erat, ac dignum ea, quæ a vobis orta est, vitæ vestræ rationes instituistis*; porque, sendo vossa vida pura, inocente e exemplar, tivestes a ventura de engendrar o tesouro da virgindade: *Caste etenim ac sancte munere vestro functi, virginitatis thesaurum produxistis.*»

Logo que Santa Ana convalesceu de seu parto, aplicou-se unicamente a conservar e a cuidar do precioso tesouro cujo depósito lhe havia o Senhor confiado. «Ó mãe a mais ditosa de todas as mães — volta a exclamar o mesmo santo —, que maior glória para ti que dar o peito àquela que com o leite do seu havia de alimentar o que sustenta todo o universo! *O beata ubera, quæ ejus, qui mundum nutrit, nutricem lactarunt.*» Fáceis são de compreender os desvelos, a solicitude e a ternura com que criaria Santa Ana sua querida Filha; bem cedo conheceu que a graça nada havia deixado que fazer à educação. Aquele entendimento iluminado com as mais puras e mais penetrantes luzes; aquele coração doce, humilde, dócil, formado para a mais elevada santidade; aquela alma que por singularíssimo privilégio não havia contraído nem ainda o pecado original, comum a todos os homens, com todo o conjunto de prendas e de graças que se uniam naquela puríssima criatura, como podiam deixar de ser as delícias de sua ditosa mãe? Mas ao fim era preciso separar-se dela de certo modo, para cumprir o voto que havia feito; e assim, logo que a Virgem completou os três anos, embora fossem tão estreitos os vínculos que uniam aqueles dois corações, foi forçoso fazer o sacrifício. Havia oferecido a Deus Santa Ana consagrar-lhe no templo o fruto que lhe desse, e, chegado o tempo de cumprir sua promessa, cumpriu-a. Conduziu ela mesma sua querida Filha ao templo de Jerusalém, como havia oferecido antes que nascesse e, entregando-a ao sacerdote, consagrou a Deus aquela criatura que tão singularmente havia nascido para só ele. Até então não havia visto o templo oferenda tão preciosa nem vítima tão pura. Foi desde logo recebida a Santíssima Menina para o ministério do templo e colocada entre as virgens e as viúvas que viviam dentro dele, ou imediatas a ele, num quarto separado, para servir em seus correspondentes ofícios sob as ordens dos sacerdotes.

[^n261]: Orat. 1, de Beat. Virg. Nat.

Não podendo Santa Ana e São Joaquim afastar-se de uma Filha tão querida, que era todo o seu consolo, foram também viver em Jerusalém numa casa próxima ao mesmo templo. São Joaquim sobreviveu pouco ao sacrifício que haviam feito de sua Filha e diz-se que poucos dias depois morreu docemente entre os braços de Santa Ana, cheio de dias e de merecimentos, aos oitenta anos de sua idade. Os que restaram de vida a nossa santa passou-os em maior retiro e com muito aumento de fervor, sendo sua vida uma contínua oração. Abrasado seu coração com as puras chamas do amor divino, só suspirava pelo único objeto de suas ânsias, que era seu Deus, seu soberano bem e seu último fim. Chegou o de sua santa vida e, tendo tido o consolo de ver crescer sua amada Filha em sabedoria, em virtude e em todo gênero de perfeições, ao passo que ia crescendo em idade, entregou suavemente a alma a seu Criador aos setenta e nove anos de sua idade e foi enterrada junto a seu esposo São Joaquim. Chama a Igreja doce sono à morte de Santa Ana, para dar a entender a tranquilidade com que expirou.

Muitos anos depois trasladaram os fiéis suas relíquias à igreja do sepulcro da Virgem no vale de Josafá, onde ainda hoje se acha o de Santa Ana numa capela.

A cidade de Apt, na Provença, tão célebre por sua antiguidade e feita colônia romana por Júlio César, gloria-se de possuir havia muitos anos o corpo de Santa Ana, que Santo Auspício, seu primeiro bispo, trouxe do Oriente e que no ano de 772 trasladou à catedral o bispo Magnerico. O grande concurso de peregrinos que a devoção a esta grande santa atrai de todas as partes a venerar seu sepulcro e as singulares graças que se recebem nele por sua poderosa intercessão acreditam visivelmente o muito que pode com Deus e quão grata lhe é a piedade dos que acodem a honrar reverentemente suas relíquias.

Martirológio Romano

A morte de Santa Ana, mãe de Nossa Senhora.

Em Filipos, na Macedônia, a festa de Santo Erasto, deixado ali como bispo pelo apóstolo São Paulo, e que recebeu na dita cidade a coroa do martírio.

Em Roma, na via Latina, São Sinfrônio, São Olimpo, São Teódulo e Santa Exuperia, que, como se vê nas Atas de Santo Estêvão, papa, acharam nas chamas a palma do martírio.

Em Porto, São Jacinto, mártir, que foi lançado primeiro ao fogo e depois arrojado a um rio, de onde saiu sem dano algum; depois do que foi traspassado com uma espada, por ordem do cônsul Leôncio, no império de Trajano. Uma matrona chamada Júlia o enterrou em suas terras perto de Roma.

Em Roma, São Pastor, presbítero, sob cujo nome há um título em Santa Pudenciana sobre o monte Viminal.

Em Verona, São Valentim, bispo e confessor.

No mosteiro de São Bento, território de Mântua, São Simeão, monge e eremita, que morreu já entrado em idade e célebre por um grande número de milagres.

Em Agen, São Fredeberto, bispo.

Em Auburon , na Alta Marche, o venerável Turpião, bispo de Limoges, chamado santo por Bernardo Guidônis.

Em Béthune, São Joro, confessor, venerado como bispo na igreja de São Bartolomeu da dita cidade.

Em Laodiceia, na Frígia, Santa Gloriosa e outras sete mártires.

Neste mesmo dia, o martírio de Santa Parasceva, virgem venerada pelos gregos com culto particular.

No próprio dia, o martírio de São Maurício de Apameia e de seus companheiros Fótino, Teodoro, Filipe e outros sessenta e sete.

Em Lichfield, no condado de Stafford, na Inglaterra, São Ovino, monge, que havia sido mordomo-mor da rainha Santa Audria.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatæ Annæ gratiam conferre dignatus es, ut genitricis Unigeniti Filii tui Mater effici mereretur; concede propitius, ut cujus solemnia celebramus, ejus apud te patrociniis adjuvemur. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que vos dignastes fazer a Santa Ana a graça de que fosse mãe da Mãe de vosso Filho Unigênito, concedei-nos por vossa bondade que, os que celebramos sua festa, mereçamos lograr para convosco seu poderoso patrocínio. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro dos Provérbios, e a mesma que a do dia 8.

Provérbios 31,10-31

> **Latim:** 10 Mulierem fortem quis inveniet ? procul et de ultimis finibus pretium ejus. 11 Confidit in ea cor viri sui, et spoliis non indigebit. 12 Reddet ei bonum, et non malum, omnibus diebus vitæ suæ. 13 Quæsivit lanam et linum, et operata est consilia manuum suarum. 14 Facta est quasi navis institoris, de longe portans panem suum. 15 Et de nocte surrexit, deditque prædam domesticis suis, et cibaria ancillis suis. 16 Consideravit agrum, et emit eum ; de fructu manuum suarum plantavit vineam. 17 Accinxit fortitudine lumbos suos, et roboravit brachium suum. 18 Gustavit, et vidit quia bona est negotiatio ejus ; non extinguetur in nocte lucerna ejus. 19 Manum suam misit ad fortia, et digiti ejus apprehenderunt fusum. 20 Manum suam aperuit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem. 21 Non timebit domui suæ a frigoribus nivis ; omnes enim domestici ejus vestiti sunt duplicibus. 22 Stragulatam vestem fecit sibi ; byssus et purpura indumentum ejus. 23 Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terræ. 24 Sindonem fecit, et vendidit, et cingulum tradidit Chananæo. 25 Fortitudo et decor indumentum ejus, et ridebit in die novissimo. 26 Os suum aperuit sapientiæ, et lex clementiæ in lingua ejus. 27 Consideravit semitas domus suæ, et panem otiosa non comedit. 28 Surrexerunt filii ejus, et beatissimam prædicaverunt ; vir ejus, et laudavit eam. 29 Multæ filiæ congregaverunt divitias ; tu supergressa es universas. 30 Fallax gratia, et vana est pulchritudo : mulier timens Dominum, ipsa laudabitur. 31 Date ei de fructu manuum suarum, et laudent eam in portis opera ejus.

Português: 10 Quem achará huma mulher forte? seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distancias, e dos ultimos confins da terra. 11 O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos. 12 Ella lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida. 13 Buscou lã e linho, e o trabalhou com a industria de suas mãos. 14 Fez-se como a náo do negociante, que traz de longe o seu pão. 15 E se levantou de noite, e repartio a preza aos seus domésticos, e o sustento ás suas escravas. 16 Considerou hum campo, e comprou-o: plantou huma vinha do fruto das suas mãos. 17 Cingio os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braço. 18 Tomou-lhe o gosto, e vio que a sua negociação he boa; a sua candeia não se apagará de noite. 19 Ella metteo a sua mão a cousas fortes, e os seus dedos pegárão no fuso. 20 Abrio a sua mão para o necessitado, e estendeo os seus braços para o pobre. 21 Não temerá que venhão sobre a sua familia os rigores da neve; porque todos os seus domésticos trazem vestidos forrados. 22 Ella fez para si móveis de tapeçaria: ella se vestio de finíssimo linho, e de purpura. 23 Seu marido será illustre na assemblea dos juizes, quando estiver assentado com os senadores da terra. 24 Ella fez delicados lenços, e vendeo-os, e entregou hum cinto ao Cananeo. 25 A fortaleza e a fermosura he o de que ella se reveste, e ella rirá no ultimo dia. 26 Ella abrio a sua boca á sabedoria, e a lei da clemência está na sua lingua. 27 Considerou as veredas da sua casa, e não comeo o pão ociosa. 28 Levantárão-se seus filhos, e acclamárão-na ditosíssima: levantouse seu marido, e louvou-a. 29 Muitas filhas ajuntárão riquezas: tu excedeste a todas. 30 A graça he enganadora, e a fermosura he

vã: a mulher que teme ao Senhor essa he a que será louvada. [31] Dai-lhe do fruto das suas mãos: e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes.

Nota

«Já se disse em outra parte que o livro do Eclesiástico, ao qual a Igreja dá o nome de livro da Sabedoria, é um compêndio das máximas cristãs. Querendo o Espírito Santo dar-nos uma antecipada ideia da moral e doutrina de Jesus Cristo nestes retratos muitos séculos antes de seu nascimento, inspirou ao autor deste livro ditames, sentenças e princípios verdadeiramente conformes ao espírito de nossa religião.»

Reflexões

É possível que eternamente havemos de formar uma ideia falsa da virtude? Eternamente a havemos de pintar com umas cores sombrias, com um ar triste, melancólico e retraente? Sempre a havemos de conceber ou no cume de uma montanha inacessível ou na solidão de um horroroso deserto? Será possível que ao menos há de fazer sempre sua habitação nos claustros, como se estivesse desterrada da vida civil e condenada a passar a sua no retiro, no silêncio e no luto? Em que consistirá que, interessando a todos tanto em que a virtude seja afável, acessível, sociável e humana; em que seja de todos os países, de todas as idades, de todos os estados e de todas as condições, nos comprazamos em persuadir-nos de que é fruto de poucos climas; que sua verdadeira sazão é a velhice; que em poucas condições pode subsistir e que seus ares naturais são os do claustro ou do deserto? Este erro é obra do amor-próprio, é artifício de que se vale para infundir-nos desgosto da virtude, representando-nos como impossível a santidade. Mas o Espírito Santo descobre nesta epístola a falsidade desta opinião. Aquela mulher forte, cujo mérito excedia a mais elevada perfeição que se reconheceu na lei antiga, cuja vida é um epílogo das virtudes que nos ensina o Evangelho, passou sua vida em meio de sua família, ocupada nas mais ordinárias tarefas de seu estado; dedicada ao governo de sua casa e a manter a paz nela; a dar gosto ao esposo que o céu lhe deparou; a pagar exatamente o salário a seus criados e a jorna aos operários; a empregar no trabalho o tempo que tinha desocupado e outros momentos na oração. Não por certo, não foi esquecimento no Espírito Santo o não haver falado nem de visitas, nem de jogo, nem de passeio, nem de galas, nem de saraus; não pretendia fazer o retrato das mulheres do mundo que se veem em nosso tempo, mas deixar-nos a imagem de uma mulher cristã. E à vista deste retrato, haverá já quem diga que a santidade é uma fruta estrangeira e peregrina; que a virtude só habita entre brenhas, entre penhascos, em lugares escarpados e em cumes tão elevados que transtornam a cabeça? É certo que o tumulto do mundo não lhe convém; que o que lisonjeia seu gosto e inclinação é o retiro e a modéstia; e que toda a sua séria ocupação são as obrigações de seu estado. Mas são estes estorvos nem dificuldades insuperáveis? E o desgosto com que olham a virtude as gentes do mundo não é boa prova de um visível desconcerto de entendimento e de coração, consequência funesta, mas necessária, da notória desordem nos costumes do século?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus, e o mesmo que o do dia 20.

Mateus 13,44-52

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, 50 et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. 51 Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. 52 Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: 44 O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. 45 Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. 46 E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. 47 Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: 48 e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. 49 Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, 50 e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. 51 Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. 52 Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

Da devoção a Santa Ana

Primeiro ponto

Considera que a devoção aos santos se funda no amor que Deus lhes tem e no que eles têm a Deus; na ventura que gozam de ser agradáveis a Deus e amigos seus; de possuí-lo sem temor de perdê-lo nem de cair jamais em sua desgraça; na honra que têm de estar continuamente perto de Deus e no valimento que logram com ele; e, enfim, na caridade com que nos olham desde aquela feliz estância da glória. Todos os santos merecem nossa veneração, nosso profundo respeito, nosso amor e nossa confiança. Mas entre todos os santos, depois da Rainha de todos eles, quem merecerá mais que Santa Ana nossa veneração e nossos cultos? Foi avó de Jesus Cristo segundo a carne, mãe da Santíssima Virgem; pois que trono tão elevado ocupará na Jerusalém celestial! Que classe tão distinta naquela augusta corte! Quanto será seu valimento com seu neto, o Salvador do mundo, com o Deus de todo consolo e Pai de misericórdia! Se se tivessem achado dez só homens justos nas cinco cidades mais abomináveis da terra, em atenção a eles se teria aplacado a cólera de Deus. Quantas vezes perdoou a um povo ingrato, ímpio e duro a rogos de seu servo Moisés! Quantas se moveu a compaixão o mesmo Deus, por explicar-me desta maneira! Quantas deixou de castigar príncipes e vassalos irreligiosos em consideração de Davi! Pois quem há de imaginar que um Deus de infinita bondade deixe de fazer o maior apreço da avó de seu querido Filho e mãe de uma Filha tão privilegiada e tão querida? De certo modo se pode dizer que o sangue de Santa Ana correu pelas veias de Jesus Cristo; por isso parece que esta grande santa tem particular direito a seus méritos, a seus favores e a suas graças; basta que se interesse por alguém para que seja ditosa sua sorte. Negará Cristo alguma coisa a sua Mãe? E a Mãe de Deus poderá negá-la à sua? De alguma maneira se poderia dizer que seu valimento com Deus tudo pode e que seu poder é sem limites. Que confiança melhor fundada que a que se estriba no valimento da que foi mãe da Mãe de Deus? Pois que devoção mais justa? Ditosos aqueles que a professam particular à maior santa que parece haver no céu depois de Maria e que, cheios de confiança em sua poderosa proteção, a honram constantemente toda a vida.

Segundo ponto

Considera que, para professar uma singular e terna devoção a Santa Ana, é também motivo muito poderoso sua vida interior e escondida, uma vida comum, que pode alentar os mais covardes para que seriamente se esforcem a ser santos; os corações pusilânimes e as almas tímidas, como que não se atrevem a ter a maior confiança naqueles santos cuja vida foi cheia de feitos assombrosos e cuja santidade se fez principalmente recomendável por contínuos prodígios de penitência. Espanta a estas almas a memória só das admiráveis austeridades de seus padroeiros; temem que, se invocam estes modelos de penitência, lhes deem no rosto com sua tibieza e covardia, e este temor ao menos diminui neles a confiança. Mas quem não poderá imitar a vida interior, escondida e comum de nossa grande santa? A quem poderá parecer muito elevado um modelo de perfeição que só lhe põe diante as obrigações mais comuns de seu estado? Quem poderá imaginar que é muito dificultoso viver retirado e calar? Ninguém há que não possa imitar a vida interior de Santa Ana; seu silêncio, sua doçura, sua humildade; ninguém que não tenha espírito e ânimo para viver contente no humilde estado em que nasceu, para passar a vida em recolhimento e oração. Esta facilidade de imitar a vida de Santa Ana inspira não sei que confiança em sua proteção, e até os mais tímidos se alentam a recorrer a ela em suas necessidades e trabalhos. Quanto ao mais, tampouco se pode duvidar de sua singular caridade para com os pecadores; como tem tão estreito parentesco com o Salvador, participa mais de suas máximas e de suas inclinações; animada do

mesmo espírito, não pode deixar de compadecer-se ternamente do deplorável estado em que se acham. E lhe faltará o zelo de sua conversão? E deixará de empregar seu valimento com Jesus Cristo pelos que a invocam? Por isso se tem notado que a devoção a Santa Ana tem crescido ao passo que se têm aumentado as necessidades da Igreja e que nunca se professou mais devoção a esta poderosa protetora do que depois que a heresia fez tanto estrago na vinha do Senhor.

Meu Deus, que tendes tanto no coração a glória desta grande santa e que tanto desejais que se estenda seu culto cada dia, fazei que, professando-lhe desde hoje uma terna devoção, tenha parte em sua proteção poderosa e nos favores que dispensais com abundância a todos os que a honram.

Jaculatórias

> *Benedicta es tu filia a Domino Deo excelso præ omnibus mulieribus super terram.* Jt 13.

Depois de tua Filha, és bendita do Altíssimo sobre todas as mulheres da terra.

> *Mulier, ecce filius tuus.* Jo 19.

Gloriosa Santa Ana, aqui tendes um de vossos filhos; olhai-me como tal.

Propósitos

1. Ficamos inconsoláveis se por inadvertência não aproveitamos os auxílios ou malogramos os meios que nos vieram às mãos para fazer fortuna; mais facilmente nos consolamos quando por falta de meios perdemos um negócio de consequência. Vê se tens algo que repreender-te neste ponto, sobretudo no negócio de tua salvação e acerca desta devoção. Temos grande necessidade de protetores junto a Deus, e não se pode duvidar de que Santa Ana é uma protetora muito poderosa. Que devoção tens professado até agora a esta grande santa? Ah, que talvez a tens olhado até aqui com tanta indiferença e com tanto esquecimento que talvez por isso não te livraste de muitos trabalhos! Remedeia desde logo uma negligência tão perniciosa; põe desde hoje mesmo tua pessoa e tua família debaixo de sua poderosa proteção, pedindo-lhe perdão de teu esquecimento. Todas as famílias cristãs deveriam estar como dedicadas a Santa Ana; e assim escolhe-a por tua protetora desde este mesmo ponto. Nada se pede a Deus com a devida disposição que não se consiga a rogo seu. Que poderá negar Jesus Cristo à intercessão de Santa Ana? Nem como pode deixar de interessar-se eficazmente a Santíssima Virgem em tudo o que pede sua querida mãe?

2. Começa desde hoje a fazer oração todos os dias em alguma igreja ou diante de algum altar dedicado a Santa Ana. Depois de pôr-te a ti e a tua família sob sua proteção, comunga em reverência da santa e renova esta espécie de dedicação.

Tem sua imagem em teu oratório ou em teu quarto; reza-lhe cada dia a oração que canta a Igreja em honra sua e celebra o dia de sua festa todos os anos com novo fervor e devoção. Neste dia nunca deixes de confessar e comungar, para que lhe sejam mais gratas tuas orações. É piedosa devoção jejuar o dia antes da festa, e não é menos proveitosa a de vestir cada ano alguma pobre donzela ou fazer alguma esmola em honra sua.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:43 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:44 by Admin